

BRUNO BARBOSA FETT DE MAGALHÃES

---

# NOVAS TECNOLOGIAS NAS OPERAÇÕES DE PAZ DA ONU

---

O emprego de *drones* à luz do direito  
internacional e da ética

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

## Prefácio

*Ives Gandra da Silva Martins<sup>1</sup>*

O livro do doutor Bruno Barbosa Fett de Magalhães sobre as novas tecnologias, nas operações de paz da ONU, direcionado para o emprego de *drones*, à luz do direito internacional e da ética, merece leitura por militares, juristas e filósofos, tal o nível de debate que levanta, sobre a utilização de veículos aéreos não tripulados de combate ou não, pelas Nações Unidas, em sua permanente vigilância, objetivando a paz mundial.

Do ponto de vista militar, o nível de pesquisa empreendido pelo autor é admirável, na medida em que se aprofundou nos principais autores internacionais, que se debruçaram sobre a matéria, nos diversos textos de tratados e acordos internacionais, examinando a experiência das variadas intervenções das Nações Unidas por suas Forças de Paz, assim como teve contatos com especialistas no assunto de todas as nações.

Do ponto de vista jurídico, abordou, com pertinência exegética, textos legais internacionais, sem descurar o direito pátrio, razão pela qual é livro que poderia ser estudado nas escolas de direito, sempre que o direito humanitário, no concênente às garantias individuais, implicasse reflexão extraterritorial.

Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O Estado de São Paulo, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Superior de Guerra (ESG) e da Magistratura do Tribunal Regional Federal – 1ª Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martín de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs-Paraná e RS, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO – SP; ex-Presidente da Academia Paulista de Letras-APL e do Instituto dos Advogados de São Paulo-IASP.

Do ponto de vista filosófico, enfrenta a questão crucial da ética, adotando um posicionamento mais pragmático, correspondente à origem romana da meditação sobre o tema. É que a ética (*ethos*) é vocábulo de origem grega, em que os bons costumes eram dissecados à luz do espírito especulativo próprio de um povo que abriu horizontes culturais muito mais amplos que aqueles de Roma, mas que não conseguiu conformar um império. O próprio e fugaz império macedônico não durou senão a curta existência de seu genial construtor Alexandre, tendo sido repartido rapidamente entre Selêucidas, Lágidas e Aquemênidas, após sua morte. O espírito especulativo grego sempre foi superior à sua vivência pragmática.

Já a moral (*mos, moris*) dos romanos, também voltada aos bons costumes – é de se lembrar que os dois vocábulos se referem a costumes que se presumem bons – tinha uma praticidade maior. Embora plagiadores em tudo da cultura grega (teatro, poesia, filosofia, história etc.), os romanos foram superiores aos gregos na valorização do direito, seu grande instrumento de manutenção dos povos conquistados. Não conseguiram, os grandes legisladores da Grécia (Licurgo, Sólon, Dracon), aproximarem-se dos juristas romanos, como Ulpiano, Paulo, Papiano. A garantia ofertada aos povos leais à Roma, pela extensão crescente do Direito Romano aos povos conquistados, assegurou extensão territorial com um exército global relativamente pequeno para tal domínio. O próprio quadrado romano, modelo quase inexpugnável de combate nas planícies, foi menos eficiente, a meu ver, que o direito.

Ora, para Roma, a moral, mais pragmática que especulativa, permitia adaptações às circunstâncias da presença da Águia Romana no território conquistado. Lembro que, quando Antonino Caracala, em 212 d.C., estendeu a cidadania romana a todo o império, atrasou, por mais de 260 anos, a queda de um império já carcomido por divergências internas quase insuperáveis.

Estas considerações que faço são para justificar a postura, no que concerne à ética e moral, mais romana do que grega, no conteúdo dos vocábulos adotados, pelo reconhecimento de que, quanto às missões de paz e a utilização de *drones*, assim como a evolução de novas tecnologias relativamente à guerra e à paz, a Comunidade Internacional encontra-se em permanente mudança.

A tese em si, por outro lado, responde com bastante clareza, metodologia científica, fundamentação lógica e abalizada opinião do autor, a cinco questões, a saber:

1. Quais as limitações do direito internacional ao emprego dos veículos aéreos não tripulados de combate ou não, em relação à soberania das nações, nas operações de manutenção da Paz;
2. Quais as limitações do direito internacional humanitário e do direito internacional de conflitos armados, ao emprego dos referidos veículos nas operações de manutenção da Paz;
3. Quais as limitações do direito internacional dos Direitos Humanos, quanto à utilização dos *drones* nas operações de manutenção da paz;
4. Quais as limitações da ética militar referentes a tais operações
5. Quais os responsáveis pela violação destes direitos e quais os fóruns adequados para julgá-los.

Em todas as questões, apresenta, com variada gama de alternativas, respostas adequadas e – a meu ver – justas, lembrando-se que, como dizia Bastiat, no século XIX, a função da lei – o livro chama-se *A lei* – não é fazer justiça, mas sim não fazer injustiça. São justas as pessoas que não fazem injustiças.

Estamos no limiar de uma nova era. Stephen Hawking, no seu último livro (*Breves respostas para grandes questões*), dizia que, no futuro, a humanidade, tecnologicamente, evoluirá, num único ano, mais do que evoluiu, em nível de abrangência, durante toda a sua história até o ano anterior.

Em meu último livro *A era dos desafios* (Ed. Quadrante, 2020), procurei abordar, nos diversos campos, os grandes desafios que teremos nas próximas décadas. Lembro, também, as longas conversas que mantinha, em São Paulo, com o Professor Doutor General Meira Mattos – levou-me para a Academia Brasileira de Ciências Políticas e Morais e participei, como suplente, de sua banca de doutoramento, na Universidade Mackenzie, onde lecionamos juntos – sobre o futuro do país e os rumos da evolução humana. Ele, que foi um dos maiores geopolíticos do Brasil, reconhecido internacionalmente, não tinha dúvidas que a rapidez da evolução tecnológica, superior à evolução do convívio social, poderia representar o maior desafio do futuro.

O excelente livro do doutor Bruno Barbosa Fett de Magalhães enfrenta, com admirável nitidez, inequívoca objetividade e indiscutível precisão, um destes desafios, merecendo, pois, a divulgação que se está dando a seus estudos à comunidade militar, jurídica e filosófica do País.